



A Catação de Materiais Recicláveis em Três Cenas: Contribuições dos Estudos Discursivos

Del Carmen Daher¹ (UFF)

Dayala Paiva de Medeiros Vargens² (UFFi)

Resumo:

Este artigo enfoca a relação linguagem e mundo do trabalho a partir de uma perspectiva discursiva que tem como marco teórico a Análise do discurso em sua vertente de base enunciativa. Integra pesquisas que se voltam para uma compreensão ampliada de situação de trabalho, analisando-a a partir de uma rede de discursos proferidos e de suas condições de enunciabilidade (FOUCAULT, 1969; DAHER, ROCHA, SANT'ANNA, 2002; VARGENS, 2005). O estudo aborda enunciados instituídos em diferentes espaços e tempos, que constituem discursivamente sentidos sobre o trabalho do catador de materiais recicláveis.

Palavras-chave: Linguagem, trabalho, catadores de materiais recicláveis.

Resumen:

Este artículo plantea la relación entre lenguaje y mundo del trabajo e integra aportes teóricos del Análisis del discurso que se sitúan en una perspectiva enunciativa. Se inscribe en una línea de investigaciones que conciben de manera ampliada la situación de trabajo, a partir del análisis de una red de discursos y de sus condiciones de enunciabilidad (FOUCAULT 1969; DAHER, ROCHA, SANT'ANNA, 2002; VARGENS, 2005). En este estudio se analizan enunciados producidos en diferentes espacios y tiempos, que constituyen discursivamente sentidos sobre el trabajo del recolector de materiales reciclables.

Palabras clave: Lenguaje, trabajo, recolectores de materiales reciclables.

Introdução

Os estudos que se voltam para a relação entre linguagem e trabalho, na França, tradicionalmente, apoiam-se numa classificação, de base sociolinguística, que organiza a natureza desse vínculo em torno a três possibilidades de análise: a linguagem **no** trabalho, a linguagem **como** trabalho e linguagem **sobre** o trabalho. Essa tripartição considera proposta de Grant Johnson e Caplan (1979) e, segundo Lacoste (1995), foi fundamental para que se pudessem constituir reflexões e críticas acerca dessa relação.

Na publicação *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França* (SOUZA-E-SILVA; FAÏTA, 2002), dois capítulos discutem essa tripartição: “A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho”, de Nouroudine, e “Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho”, de Rocha, Daher e Sant’Anna.

No primeiro deles, Nouroudine aponta a necessidade de constituir-se outra referência que permita ir além dos limites estabelecidos pelo mencionado enquadre epistemo-metodológico tripartite. Segundo o autor, as relações entre linguagem e trabalho são de natureza muito mais complexa, do que a descrita por/para cada uma dessas modalidades. A partir de reflexão desenvolvida por Boutet (1995)¹, propõe a adoção da denominação “práticas languageiras” (segundo ele um termo genérico) mais apropriada a uma concepção de pesquisa que considere os protagonistas do trabalho e os pesquisadores, assim como as condições de possibilidade de trabalho e de pesquisa, enfim o “processo dialógico e dialético em que duas linguagens se confrontarão para ‘co-elaborar’ conhecimentos, sempre em “estado a se atingir ou a se produzir... [como] processo... nunca inteiramente acabado” (NOUROUDINE, 2002, p. 28-29).

O outro artigo, de Rocha, Daher e Sant’Anna (2002), também questiona a “fragilidade de tal modelo” tripartite e menciona a contribuição de “pesquisas que se voltam para os discursos produzidos não em situação de trabalho, mas acerca do trabalho” (2002, p.78), e se pauta no marco teórico da Análise do Discurso em sua vertente enunciativa². Estes estudos desenvolvidos por linguistas brasileiros dedicam-se à análise de possíveis sentidos

¹ A partir da noção de “atividade languageira”, introduzida por Culioli (1973), Boutet propõe o termo de “prática languageira” como forma de evitar possíveis ambiguidades com a denominação “atividade linguística” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.396).

² Integram essa vertente os grupos de pesquisa CNPq: *Atelier* (PUC-SP); Práticas de linguagem, trabalho e formação docente (UFF); e *PraLinS* - Práticas de Linguagem e Subjetividade (UERJ). Seus membros integram o **GT ANPOLL** *Linguagem, enunciação e trabalho* (2006).

de trabalho, trabalhador, mundo do trabalho que circulam em diversos espaços e comunidades discursivas.

Tomando como base as propostas desses últimos autores, neste artigo remetemos a diversos textos em que o *trabalho* dos catadores de materiais recicláveis de Jardim Gramacho é abordado. A eleição considera a falta de reconhecimento que se costuma atribuir a esses trabalhadores, muitas vezes referidos como “mendigos”, “incapazes”, “irresponsáveis”, “lixo-humano” (VARGENS, 2005). Nessas formas de denominação encontram-se apagados/invizibilizados e/ou discriminados saberes advindos de uma tradição, de uma experiência, necessários à realização dessa atividade, assim como sua importância para a atual sociedade de consumo. Institui-se ainda uma naturalização diante de um trabalho que para além do vazadouro, da catação, tem constituído, enquanto coletivo, diversas lutas em torno às suas condições de trabalho e à necessidade do mesmo para a indústria de reciclagem e o equilíbrio do meio ambiente. A título de contextualização, o mencionado aterro recebe 70% do lixo produzido no Rio de Janeiro e nele trabalham aproximadamente 2.500 catadores³.

Nossa proposta de análise exige, por todas as razões anteriormente apontadas, a compreensão de uma concepção de “situação de trabalho” ampliada, entendida não só como a realizada no espaço do trabalho, propriamente dito, e o da execução/observação de uma atividade ou por meio de comentários produzidos sobre ela entre trabalhador(es) e/ou pesquisador(es). Segundo Rocha, Daher e Sant’anna, a situação de trabalho “se configura a partir de toda uma rede de discursos proferidos, os quais se responsabilizam, em última instância, pelo(s) sentido(s) produzido(s)” (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2002, p. 79) relativos a esse trabalho. Compreende-se, assim, que em outras práticas de linguagem se inscrevem referências ao trabalho que de alguma forma também o incorporam embora “regularmente [sejam] vistas como desligadas da situação de trabalho *stricto sensu*” (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2002, p. 79).

Nossa escolha teórica parte de um entendimento de que a enunciabilidade se dá a partir de práticas discursivas e não discursivas, por meio das quais experienciamos o mundo

³ Informação fornecida por Sebastião Santos, presidente da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho, em entrevista concedida ao Grupo Fortalecimento Comunitário em 03/11/2011. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudo.aspx?TP=D&CODIGO=C20111131641439>.

e o compreendemos. Essas práticas configuram e corroboram regimes de verdades compartilhados por comunidades que os vão historicizando e implicam *per si* as condições de sua enunciabilidade. Para Foucault (1969), a análise do modo pelo qual aparece determinado enunciado e não outro em seu lugar relaciona-se à força de saberes e de poderes que se inscrevem na história da sociedade ocidental e “caracterizam não a língua que o discurso utiliza não as circunstâncias em que ele se envolve, mas o próprio discurso enquanto prática” (FOUCAULT, 1969, p. 52-53). O autor define a prática discursiva como sendo “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1969, p. 136).

Dentro de um enquadre teórico da Análise do Discurso, Maingueneau (1987; 1984) propõe um deslocamento da noção criada por Foucault, compreendendo a prática discursiva como a “reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso” (1989, p. 56). Segundo o autor:

A noção de “prática discursiva” integra [...] por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamamos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva. [...] É preciso deixar bem claro que visamos aqui aos grupos que *existem unicamente por e na enunciação, na gestão destes textos*, e não aos grupos que encontrariam sua razão de ser em outro lugar” (MAINGUENEAU, 1987, p. 56).

Essa reversibilidade constitutiva do discurso conforma/é conformada a partir de condições de enunciabilidade específicas. Pressupõe funcionamentos discursivos, sistemas de relações que legitimam “o que é dito” ou “pode ser dito” e se “corporifica” em textualizações:

As práticas sociais de textualização, correntes em certa época e em certa cultura, estão cristalizadas em formas textuais. Essa formalização faz com que o texto, do ponto de vista de sua realidade empírica, seja um objeto com começo, meio e fim; no entanto, como afirma Orlandi (1996), enquanto discurso, ele é marcado pela *incompletude*, pois relaciona-se com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer).

Essa heterogeneidade do discurso ocorre porque as práticas de textualização acontecem em lugares sociais organizados e reconhecidos como portadores de fala. (...) As regras do *modo de dizer* condicionam todos os atos de fala sociais. Assim, toda produção de sentidos deve dar-se no interior desses campos institucionalmente constituídos como *lugares de onde se fala*. Falar do interior desses campos significa inserir-se em uma *formação discursiva* que determina os *modos de dizer* e aquilo que *se pode e se deve dizer* em certa época (, [1969]1986). (GREGOLIN, 2004, p. 49-50)

Essas textualizações existem a partir de e em práticas discursivas, em espaços instituídos e dentro de gêneros discursivos. É no limite do discursivo que se constitui “o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los etc.” (FOUCAULT, 1969, p. 51). Assim como, as “posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (FOUCAULT, 1969, p. 58).

Essa indissociabilidade conforma à vez um cenário enunciativo no qual se imbricam três cenas (MAINGUENEAU, 1987): a cena englobante, a cena genérica e a cenografia discursiva. A cena englobante se refere à finalidade organizacional do discurso, ao seu estatuto pragmático dentro da sociedade, isto é, se se trata de um discurso político, religioso, publicitário ou jornalístico, por exemplo. A genérica, como o nome já indica, ao gênero discursivo, define papel dos parceiros do discurso; lugar e tempo; suporte e finalidade. Já a cenografia, esta é instituída pelo próprio discurso e se valida progressivamente por meio da própria enunciação. Ela legitima o dito e, ao mesmo tempo, é legitimada por ele e implica a relação indissociável entre uma topografia (um lugar), uma cronografia (um tempo) e os interlocutores da enunciação, a partir dos quais o discurso é proferido. A cenografia, segundo o autor, “é ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 96).

Recorrendo a reflexões que se pautam no referencial teórico apresentado, expomos, a seguir, algumas considerações relativas a análises de diferentes produções discursivas que referem, a partir de olhares diferentes, o trabalho do catador. Constituem práticas de textualização, textos que se relacionam com outros textos. As considerações acerca do trabalho da catação organizam-se em torno a três cenas instituídas. A primeira cena reúne a letra de um *rap* produzido por uma manobrista de caminhão transportador de lixo para o aterro de Jardim Gramacho e notícias de jornais nas quais se informa a morte por soterramento de três catadores; uma segunda cena, um jornal criado por catadores de

materiais recicláveis do mesmo aterro; e a última, uma publicidade da Coca-Cola cujo personagem principal é um catador.

A escolha desses textos deu-se a partir de duas motivações: uma que revisita resultados de pesquisa realizada por Vargens ⁴, intitulada “Sentidos em reciclagem: uma análise linguístico-discursiva da construção da identidade profissional dos catadores de Jardim Gramacho”, em 2005, e outra constituída em 2011, a partir do contato com textos em que o trabalho do catador é configurado a partir de novos posicionamentos discursivo, pode ser “dito” em outras práticas.

Primeira cena: “essa exposição de seres humanos humilhados”

O fragmento citado que dá título a esta seção é um dos versos do “*Rap* de Gramacho”, música que circula no espaço da catação e adjacências, entre os trabalhadores, suas famílias e outras comunidades locais, de autoria de Elias Riquinho, manobrista de caminhão que trabalha em Jardim Gramacho⁵. O *rap* foi apresentado à Vargens (2005), em sua primeira ida a campo, a partir de uma gravação em *CD-ROM*, trazida por um funcionário da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), empresa responsável pela direção do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Segundo o funcionário o texto foi o escolhido por falar dos catadores e de suas condições de trabalho; por expressar a visão dos que convivem no espaço do lixão⁶.

Como uma das características comum ao *rap*, gênero musical que constitui um dos pilares da cultura *hip hop*⁷, os versos de Elias Riquinho não fogem a essas coerções e

⁴ Dissertação de Mestrado orientada por Del Carmen Daher (UFF, UERJ) e co-orientada por Maristela França (UNIRIO), junto ao Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁶ Embora o aterro de Jardim Gramacho seja frequentemente designado como “lixão”, inclusive pelos próprios catadores, existe uma diferença entre os termos “lixão”, “aterro controlado” e “aterro sanitário”. Um **lixão** é uma área de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Não tem nenhum sistema de tratamento de efluentes líquidos. O **aterro sanitário**, ao contrário dos lixões, antes de iniciar a disposição do lixo tem o terreno preparado previamente com o nivelamento de terra e com o selamento da base com argila e mantas de PVC. Já o **aterro controlado**, categoria na qual se enquadra Jardim Gramacho, é uma fase intermediária entre o lixão e o aterro sanitário. Normalmente, o aterro controlado, é uma célula adjacente ao lixão que foi remediado, ou seja, que recebeu cobertura de argila, e grama (idealmente selado com manta impermeável para proteger a pilha da água de chuva) e captação de chorume e gás. Informações disponíveis em: <http://www.lixo.com.br>

⁷ Cultura artística iniciada nos anos 70 do século passado em Nova York em áreas habitadas por comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas. A cultura inclui a prática do *rap*, do *breakdance* e a escrita do grafite. Essas práticas irradiaram-se por todo o mundo.

abordam o trabalho dos catadores a partir de uma situação de denúncia social, ao falar da vida daqueles “que trabalham no lixão”⁸.

Essa é a vida de levar o pão pra a mesa
Só quem viu pode dizer o tamanho da pobreza
Essa é a vida de levar o pão pra a mesa
Só quem viu pode dizer o tamanho da pobreza

Hoje estou aqui para falar de exposição
De seres humanos que trabalham no lixão
É dia, é noite e também de madrugada
Com a certeza de levar alguma coisa pra casa
Então, começa a luta e a disputa pelo pão
Na rampa da Maria, na Rampinha e no Rampão

É um descaso é um abuso com o trabalhador
O desemprego está formando um montão de catador
Homens e mulheres, idosos e adolescentes.
Isso não é justo tem até deficientes
correm o risco de ir e não voltar
Tem que ficar esperto a carreta vai encostar
O lixo é vazado e então começam a catar
Mas tem que ficar ligado o trator já vai arar

É sol é chuva e assim o corpo não aguenta
Ainda corre o risco de pegar uma doença.
Eu fico muito triste observando esse cenário
Essa exposição seres humanos humilhados
Um povo bem sofrido e não quer ficar parado
E no meio desse povo há um montão de viciados

Essa história é real não escutei ninguém falar
Eu falo do que vejo, eu também trabalho lá
Sem segurança de trabalho e plano de saúde
Quem é catador já nem se ilude

E pedem a Deus para nunca adoecer
Porque com certeza não tem como se manter
Então essa é a vida...

(Rap de Gramacho: autoria de Elias Riquinho,
manobrista do aterro de Jardim Gramacho)

Dentro de uma composição que se institui por meio de ritmo, poesia, rimas, o *rap* incorpora elementos de outros gêneros como o testemunho, o diário, o poema, o diálogo, etc. (MOREIRA, 2009). Neste caso, por meio de um testemunho, o enunciador conta como é a vida dos trabalhadores do lixão. A legitimidade para relatar esse cenário é afirmada a partir da sua identificação como trabalhador do aterro (“essa história é real/ não escutei ninguém falar/ eu falo do que vejo/ eu também trabalho lá”) e por compartilhar de determinadas dificuldades: “Sem segurança de trabalho e plano de saúde”. É esse conhecimento também o que lhe permite antecipar e rebater outros possíveis dizeres sobre a situação que relata, desqualificando-os enquanto verdade: “Essa historia é real não escutei ninguém falar, eu falo do que vejo, eu também trabalho lá”.

O enunciador fala a partir de um lugar de desconforto e se solidariza com os catadores (“Eu fico muito triste, observando esse cenário”). A cada estrofe musical, menciona o sofrimento dos sujeitos referenciados a partir de denominações como: “seres humanos que trabalham no lixão”; “seres humanos humilhados”, “um povo bem sofrido” e “um montão

⁸ Mais adiante, comentaremos a homenagem feita ao *rapper* brasileiro Mensageiro da Verdade Bill (MV Bill) pelos catadores ao darem o nome do ídolo ao jornal por eles criado.

de viciados”. Chama a atenção o fato de que o enunciador, embora também trabalhe no lixo, não faz parte do grupo dos catadores. Ocupa a posição de enunciador-observador, cujo distanciamento é marcado linguisticamente ao longo do texto pelo uso da terceira pessoa e da impessoalidade (Essa é a vida de levar o pão para a mesa/ Só quem viu pode dizer o tamanho da pobreza), em oposição à primeira (Hoje estou aqui para falar de exposição / Eu fico muito triste observando esse cenário). Distanciamento esse que aparece também referido na forma como ele é nomeado no grupo: Elias Riquinho⁹. O apelido/sobrenome porta a diferença do olhar do outro.

Na letra, a primeira menção ao trabalho da catação aparece logo após o refrão e a especificação da denúncia a ser feita, do explicitar “ao que veio” (“Hoje estou aqui para falar de exposição”). É um trabalho apresentado como incessante (“É dia, é noite e também de madrugada”) que expõe “seres humanos” numa disputa pelo lixo (“luta e disputa pelo pão”). O enunciador menciona também o risco implicado e “saberes” exigido para a realização da atividade (“Tem que ficar esperto a carreta vai encostar” / “O lixo é vazado e então começam a catar” / “Mas tem que ficar ligado o trator já vai arar”).

Nesse cenário, descreve não só o local de trabalho do catador (“Na rampa da Maria, na Rampinha e no Rampão”), mas a inexistência de condições de subsistência (“essa é a vida de levar o pão pra mesa”) e de justiça (“Homens e mulheres, idosos e adolescentes / Isso não é justo tem até deficientes”). A presença de marcas linguísticas relacionadas à miséria, à periculosidade e à injustiça social põem em cena a ausência da instituição de direito e a presença de um discurso religioso (“e pedem (eles) a Deus para nunca adoecer”).

O relato fala de uma atividade sem honorários, constituída numa espécie de submundo, que polemiza com discursos de valorização ao trabalho que circulam e dão sustentação a um mundo outro: o mundo moderno. Contradizendo verdades instituídas, por meio de discursos que preconizam o estado como provedor de condições de valores igualitários, um estado que se propõe garantir a justiça (“Homens e mulheres, idosos e adolescentes./ Isso não é justo tem até deficientes /correm o risco de ir e não voltar”), responder pela preservação da saúde (“É sol é chuva e assim o corpo não aguenta/Ainda

⁹ Riquinho é um personagem de desenhos em quadrinhos (Richie Rich, criado por Harvey Comics) e de desenhos animados (produzido por Hanna Barbera), um menino rico, loiro, sempre impecavelmente vestido, que vive em sua mansão com seu cachorro Dólar.

corre o risco de pegar uma doença”), e oferecer diversas políticas sociais (“Sem segurança de trabalho e plano de saúde”) e condições de cidadania (FOUCAULT, 1971).

O olhar do outro *sobre* o mundo da catação e o catador de Jardim Gramacho também é encontrado via mídia jornalística. Mencionamos aqui a algumas das notícias¹⁰, dentre outras que circularam em jornais impressos de grande circulação no Rio de Janeiro, à época da mencionada pesquisa (VARGENS, 2005), nas quais se divulgou o soterramento de três catadores ocorrido durante a madrugada do dia 16 de junho de 2005. Nesse fato trágico morreram esmagados por toneladas de lixo despejadas por uma carreta contratada pela Comlurb, Rosimeri dos Santos Teixeira, de 33 anos, Róbson Ermelindo dos Santos, de 31 anos e um rapaz de 21 anos, identificado apenas como Alan.

Grande parte dos jornais mencionou o fato de que as vítimas não tinham autorização para estar no local. A partir de um discurso “legal”, classificavam-se/repartiam-se os catadores entre dois grupos: o dos cadastrados e, portanto, autorizados a catar no aterro, e o dos não cadastrados, cuja entrada constituía um ato ilegal. Citamos, a seguir, um desses fragmentos e, neste caso, o depoimento atribuído a um representante da Comlurb sobre o incidente:

José Henrique Penido, assessor da diretoria técnica da companhia, reconheceu que o controle de quem entra e sai do aterro é falho e que a prevenção de acidentes como o de terça-feira é difícil. “A empresa administradora recebe determinações rígidas para afastar os catadores dos caminhões. Mas é muito difícil controlar 400, 500 pessoas lutando pela sobrevivência, e fazer com que usem equipamentos de segurança”, afirmou. “À noite, o aterro é incontrolável, porque entram pessoas pelo manguezal e não há segurança possível”. (Carreta tomba no lixão de Duque de Caxias e mata três. Tribuna, 17 junho 2004)¹¹

¹⁰ Referimo-nos às seguintes publicações eletrônicas: Carreta de lixo esmaga três catadores no Rio. Folha de São Paulo, 17 de junho de 2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u95806.shtml>> Acesso em 18 junho 2004; Lixo desaba e mata três. JB on line, 17 de junho de 2004. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2004/06/16/jorcid20040616005a.html>> Acesso em 18 junho 2004; Catador, enfim, será enterrado. O Dia online, 19 de junho de 2004. Disponível em: <http://cliponline.com.br/gomateria.asp> > Acesso em 19 junho 2004; Carreta tomba no lixão de Duque de Caxias e mata três. Tribuna, 17 de junho de 2004. Disponível em <<http://www.tribuna.inf.br/antecedentes/2004/junho/17/noticia.asp?noticia=pais>> Acesso em 18 de junho de 2004.

¹¹ Tribuna, 17 de junho de 2004. Disponível em <<http://www.tribuna.inf.br/antecedentes/2004/junho/17/noticia.asp?noticia=pais>> Acesso em 18 de junho de 2004.

O fragmento de notícia menciona situação semelhante à descrita pelo *rap* de Elias Riquinho, no qual se atribui ao desemprego a razão para o aumento do número de catadores no lixão e de acidentes: “É descaso é um abuso com o trabalhador / O desemprego está formando um montão de catador / Homens e mulheres, idosos e adolescentes... tem até deficiente... no meio desse povo há um montão de viciados” e “correm o risco de ir e não voltar / Tem que ficar esperto a carreta vai encostar / O lixo é vazado e então começam a catar / Mas tem que ficar ligado o trator vai arar”. Fala-nos também a notícia da quantidade expressa no *rap* como “um montão de trabalhadores”.

No fragmento de notícia, os argumentos e acidentes são atribuídos a outras razões que não as do *rap* - “a carreta vai encostar [...] tem que ficar ligado o trator já vai arar”. Afirma-se como verdade a impossibilidade de segurança no lixão e atribui-se tal fato a diferentes fatores que responsabilizam os catadores, tais como entrarem irregularmente no aterro, aproximarem-se excessivamente do caminhão e não usarem os devidos equipamentos de segurança. Todos esses fatores, supostamente ligados aos acidentes, estão de algum modo, relacionados com uma impossibilidade de “controle” sobre o comportamento dos catadores, principalmente, à noite, segundo o relato citado. No enunciado, os catadores noturnos são “invasores ilegais” do espaço do aterro.

De forma contraditória, uma voz oficial da empresa reconhece o descumprimento de determinadas normas, como a de não se aproximar dos caminhões e usar equipamentos de segurança. O risco, no entanto, estaria no não cumprimento das regras e na dificuldade de fiscalizá-las devido ao enorme contingente de pessoas que ocupariam ilegalmente o espaço do aterro e não a forma como se constitui o despejo do lixo e a aragem do trator. Procedimentos que exigem saberes, conhecimentos técnicos, da parte dos envolvidos nessa atividade de trabalho. Os catadores “invasores” estariam, portanto, subvertendo a ordem existente no funcionamento do aterro. Chama-nos especialmente a atenção a referência ao não uso de equipamentos de segurança. A nosso ver, o reconhecimento da necessidade da utilização dos equipamentos de segurança – considerada como uma medida de prevenção de acidentes – é um elemento importante no processo de identificação da catação como trabalho.

Em um dos jornais, encontra-se referência aos catadores como trabalhadores, uma vez que lhes é conferida diretamente a ação de “trabalhar”:

Apesar do acidente, ontem pela manhã dezenas de catadores trabalharam normalmente. Eles disseram que pequenos acidentes, como cortes, acontecem diariamente, e que a Comlurb não os socorre nem fornece material para segurança... (Carreta tomba no lixão de Duque de Caxias e mata três. TRIBUNA, 17 de junho de 2004)

O fragmento contrapõe-se a discursos que atribuem a culpa do acidente ao trabalhador e mencionam a constância de acidentes de trabalho. Já em outro jornal, os mortos não são identificados nem sequer na condição de trabalhador:

Dois homens e uma mulher morreram soterrados por 21 toneladas de lixo de uma carreta na noite de terça-feira, enquanto catavam alimentos no Aterro de Jardim Gramacho, na periferia de Duque de Caxias... (Lixo desaba e mata três. **JB on line**, 17 de junho de 2004)

A imagem do indivíduo que vai ao aterro para catar alimentos, em meio ao lixo, atribui estatuto de alimento ao lixo, assim como apaga a condição de trabalhador. Caracterizado a partir de um plano diferenciado do da imagem do indivíduo que cata materiais comercializáveis para extrair deles a sua fonte de renda, é referido a partir de outras condições sociais. É preciso dimensionar atentamente o valor instituído em cada um desses comportamentos no processo de qualificação do catador como trabalhador. Ainda que os dois não sejam excludentes¹², catar alimentos e outras coisas para consumo próprio não é a principal atividade realizada por um catador. Considera-se, por conseguinte, que a afirmação de que a carreta tombou “enquanto catavam alimentos”, além de eximir responsabilidades de alguns no que se refere às mortes ocorridas, desqualifica o catador como trabalhador, “invisibiliza” condições e polêmicas.

A seguir, deteremos nossas considerações em textos produzidos pelos catadores e em outros divulgados em espaços da mídia impressa, televisiva e publicitária, relativos ao trabalho do catador.

¹² Portilho (1997, p. 118 - 119), em pesquisa sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores, destaca que os profissionais dos três grupos dizem aproveitar materiais encontrados no lixo. A autora identifica na fala dos entrevistados o uso de expressões como “vem no lixo” ou “eles mandam”, como se os achados fossem um “presente” ou uma “providência divina”. Um dos engenheiros entrevistados confessa certo prazer proveniente em adquirir objetos encontrados no lixo: “Eu também de vez em quando me... flagro, olhando assim o lixo pra ver se tem alguma coisa interessante para eu levar para casa. Aí procuro me policiar dizendo, eu não deixo os outros fazerem isso, como é que eu mesmo vou fazer, mas é uma tentação!”.

Segunda cena: “se trabalharmos juntos, podemos nos organizar”.

A má compreensão sobre o trabalho do catador tem sido fortemente combatida por Sebastião Santos¹³, Tião, e pelos demais protagonistas dessa atividade desde 2004, ano da fundação da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho (ACAMJG). A criação da entidade foi impulsionada pelo eminente fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Situado no Município de Duque de Caxias, vizinho à cidade do Rio de Janeiro, já era prevista, naquele então, a impossibilidade do maior aterro da América Latina continuar em funcionamento sem causar riscos para a população vizinha e para a Baía de Guanabara.

Se por um lado a manutenção do funcionamento do aterro acarretaria grandes riscos ambientais, a sua desativação implicaria um grave problema de ordem social: o fim do meio de subsistência de milhares de pessoas que vivem há décadas da catação de materiais recicláveis que chegam dentre as toneladas de dejetos despejados diariamente no local. Esse acontecimento provocou a produção de diversos discursos, tanto da parte dos responsáveis pelo aterro, da mídia, quanto dos catadores. O que fazer então com os catadores? Foi justamente para responder prontamente a essa pergunta que um grupo de catadores fundou a ACAMJG como forma de organizar-se e estabelecer interlocuções com outros movimentos de catadores de todo o país¹⁴ e com entidades igualmente interessadas em apoiá-los. Rapidamente, surgiu uma resposta preliminar ao poder público: os catadores mostraram que queriam continuar trabalhando na reciclagem de materiais. Não queriam deixar de lado o que realmente sabiam fazer, a sua experiência, a sua história¹⁵.

Nesse cenário de mobilização dos catadores e justamente no período de fundação da ACAMJG realizou-se a pesquisa de Vargens (2005), cujo objetivo era identificar os traços da identidade profissional dos catadores de materiais recicláveis que se constituía via discurso naquele contexto histórico. A articulação entre a necessidade dos catadores de falar sobre o

¹³ Sebastião Santos é líder do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e Presidente da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho.

¹⁴ Em 2001, em Brasília, foi fundado o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

¹⁵ O ofício de catar em Jardim Gramacho antecede a existência do aterro. Segundo relato de moradores locais, a região é um antigo manguezal onde se praticava a pesca de caranguejos. Com o aumento abusivo da poluição da baía, a quantidade de caranguejos diminuiu expressivamente. A saída, então, foi transformar o lixo, que a princípio ameaçara a sua atividade, em meio de sobrevivência: segundo os relatos de moradores do local, muitos catadores de caranguejos tornaram-se catadores de materiais recicláveis.

seu trabalho e a proposta da referida investigação de possibilitar a criação de novos espaços de enunciação para esses sujeitos constituíram a mola propulsora para o estabelecimento do diálogo entre protagonistas do trabalho/pesquisador. Essa convergência de interesses, manifestada durante o desenvolvimento da investigação, além viabilizar a realização dessa última, confirma a hipótese da existência de uma real demanda de pesquisa, ainda que não formalizada, por parte do coletivo e também a contribuição de estudos discursivos acerca do trabalho.

Em Jardim Gramacho, textos diversos e fragmentos de livros encontrados entre os dejetos do aterro também foram aproveitados na elaboração do jornal criado em 2004 pelos próprios catadores: o Jornal Mensageiro da Verdade (conhecido como MV). A primeira edição foi publicada no ano 2004. Até junho de 2005, dispunha de nove edições (VARGENS, 2005). Antecede à primeira edição do jornal, uma espécie de comunicado dirigido aos catadores de Jardim Gramacho, que inaugura a prática de comunicação escrita entre o grupo de catadores mais engajados na mobilização da categoria, os fundadores da ACAMJG, e os demais trabalhadores do aterro. No referido texto, o enunciador, dirigindo-se diretamente aos catadores, alerta-os a respeito do fechamento do aterro.

Atenção Catadores

Se você analisar cuidadosamente o que você vai ler, vai ver que, estou aqui prá falar de um assunto que interessa a todos (Independente de Homens ou Mulheres, antigos ou novatos). Cadastrados ou não somos catadores, isto é uma realidade, **o aterro está prá fechar**, mas, se trabalharmos juntos, podemos nos organizar, juntos faremos uma sede para lutar pelos nossos direitos de catadores.

Pois se o aterro fechar hoje, muitos ficarão desempregados.

Por isso conto com a colaboração de todos para juntos nos unirmos nesta luta, mais organização.

Muito Obrigado e Aguarde o Próximo Comunicado

“Se não fosse o aterro o que seria de nós?”



Primeiro comunicado da ACAMJG aos catadores de Jardim Gramacho.

O texto tem como cena englobante o discurso político. Recorre a uma cena genérica que entrecruza a estrutura de um aviso e a da convocação, e que inclui uma imagem de um aperto entre mãos de executivos. O enunciador dirige-se aos catadores. O desafio do enunciador é convencer aos interlocutores da necessidade de se articularem prontamente, visando a garantia de direitos após o fechamento do aterro. Assim, convoca os catadores à articulação da categoria (“se trabalharmos juntos, podemos nos organizar, juntos faremos uma sede para lutar pelos nossos direitos de catadores”). Como argumento, aponta-se o risco iminente do desemprego. Aqui o trabalho do catador ganha, portanto, o status de emprego, diferentemente do sentido anteriormente atribuído na letra do *rap*, que conferia ao desemprego a ampliação do contingente de catadores em Jardim Gramacho.

Outro elemento que distingue incisivamente esse texto dos demais é a identificação entre os parceiros da locução. O enunciador também se apresenta como catador e se inclui no grupo de pessoas que dependem do funcionamento do aterro. (“Se não fosse o aterro o que seria de nós”). Pode-se dizer que o gênero comunicado funda nas práticas discursivas dos catadores de Jardim Gramacho (pelo menos no âmbito da língua escrita), a ação política do grupo, abrindo a possibilidade de criação de novos espaços de fabricação do discurso político.

Após o primeiro comunicado, a tentativa de aproximação entre os catadores é marcada pelo surgimento do jornal que recebe, inicialmente, o nome de “Mensageiros da Verdade”. . Esse nome, no entanto, só se mantém até a segunda edição. Na terceira, é substituído por “Mensageiro da Verdade” e, a partir da quinta edição, é nomeado como O “Mensageiro da Verdade”. As mudanças do nome do jornal mereceram a atenção de Vargens (2005). A pluralização presente no primeiro título inscreve discursivamente uma espécie de liderança que se apresenta como a encarregada de levar a verdade aos demais catadores, atribuindo-lhes o papel de receptores da mensagem revelada, porém que ao mesmo tempo se abre ao engajamento, à possibilidade de vir a ser um desses mensageiros. No segundo nome, com a singularização, entendemos que ocorre uma espécie de deslocamento do foco, que passa a recair sobre o próprio jornal: “Mensageiro da Verdade”. Nesse caso, valoriza-se o veículo em detrimento das pessoas. O último nome é acrescido do artigo “o”, reforçando a ideia de que o jornal seria o único mensageiro da verdade.

O atravessamento do discurso religioso configurado na expressão “mensageiro da verdade”, que é também a alcunha do conhecido *rapper* MV Bill (Mensageiro da Verdade

Bill)¹⁶, institui a idéia da existência de uma realidade desconhecida, de informações veladas, cuja descoberta dependeria de um intermediador (um tipo de missionário), ora concebido como um grupo de pessoas, ora visto como o jornal personificado. O que chama a atenção, sobretudo, é o destaque conferido à palavra, a uma espécie de mensagem esperada para a desestabilização do *status quo*. A escolha do título posiciona o jornal como mais um dos textos que se inscrevem na rede de interdiscursividades das comunidades discursivas de cultura *hip hop*.

Estabelece-se, portanto, em Jardim Gramacho, um contexto de valorização do diálogo e da ampliação dos lugares de fala. A produção do jornal implica na recuperação de textos sobre o catadores e, ao mesmo tempo, na criação de novas práticas sobre esse universo: uma parte dos textos que integram o jornal é assinada pelos próprios catadores e outra, reúne materiais retirados de diferentes fontes (livros, jornais, sítios da internet, folhetos e cartilhas distribuídas por entidades não governamentais que se voltam para a atividade do catador, entre outras possíveis). Nem sempre é possível identificar a origem, a data, a fonte, ou a autoria atribuída aos textos. Fragmentos recuperados de outros escritos de veículos diversos se mesclam com a voz dos próprios catadores. Considera-se que a seleção dos textos feita pelos catadores e o novo contexto do qual passam a fazer parte propiciam a construção de novos sentidos em um momento histórico específico. As escolhas e a (re) organização dos textos em outro espaço e tempo originam outra enunciação.

Destaca-se no jornal analisado o frequente atravessamento do discurso político, cujo propósito é obter a adesão dos catadores. A interação estabelecida com os leitores do MV é, portanto, de grande proximidade. Diferentes gêneros discursivos compõem o jornal: notícias, comunicados, coluna política, mensagens de autoajuda, convites, campanhas de saúde, manuais/cartilhas e editoriais.

Ao longo das edições do MV, o “nós catadores” é atualizado como oprimidos (ed:1, 2¹⁷); companheiros de luta (ed: 5); filhos do aterro (ed: 6); cidadãos filhos da sociedade brasileira (ed: 6); abandonados e excluídos (ed: 6); frutos da sociedade que descarta (ed:7); trabalhadores (ed: 9); pais e mães (ed: 9); e massa de manobra dos poderosos (ed: 9): numa

¹⁶ Segundo relatado por catadores, o nome do jornal seria uma homenagem ao *rapper* MV Bill (Mensageiro dea Verdade Bill) (VARGENS, 2005)

¹⁷ A abreviação “ed.” corresponde à “edição”. Portanto, “ed.1” significa “edição 1”, “ed.2” significa “edição 2” e assim por diante.

espécie de movimento de “reciclagem de sentidos na fala dos catadores. O surgimento de novas práticas discursivas sobre o trabalho do catador apropria elementos de diferentes formações discursivas. Um exemplo claro é a incorporação de um discurso ambientalista: “para ser catador tem que ser respeitador principalmente da natureza porque ela é beneficiada com o seu trabalho”... “porque com o seu trabalho se economiza milhões em energia” (ed: 1).

Nesse movimento interdiscursivo, os sentidos referentes à exclusão social sofrida pelos catadores é deslocada e ganha maior visibilidade a força política do coletivo. Delineia contornos mais nítidos a necessidade de investir na construção de um projeto político o que implica a constituição de novos traços identitários atribuídos aos catadores. A existência de uma relação estreita entre identidade- em constante processo de mudança- e projeto político é defendida por Hall (2003). Segundo ele, as identidades estão relacionadas com a recuperação de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não propriamente do que “nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas sim do que “quem nós podemos nos tornar”. O reconhecimento do poder das práticas languageiras nesse processo é materializado nas falas dos catadores de Jardim Gramacho, por meio de discursos do âmbito do científico.

-Eu já fiz pesquisa a respeito disso. É muito recusado pela sociedade. 70 % recusa o elemento que diz que vive de reciclagem de material de origem do lixo. Porque eu acho que a palavra é essa. Não é catar lixo. Ele é cata do pela sociedade. Digo aqui e provo agora que a minha mulher trabalha com material reciclável de origem do lixo. Então, ele é muito recusa de (+) faxineira. Ela não pode falar que eu trabalho de catador de lixo porque senão ela / o patrão dela recusa ela/ (W.I. 651-656)

O fragmento anterior é a transcrição da fala de um catador participante da pesquisa de Vargens (2005), que reconhece as implicações da escolha das palavras para caracterizar o seu trabalho. E que numa situação de entrevistado adota argumentos expostos em “discursos científicos”. Com enunciados similares a esse os catadores vêm assumindo um legítimo lugar que lhes permite falar de seu trabalho.

Terceira cena: uma história de catadores e garrafas

Catador, líder político, garoto propaganda da Coca-Cola. Tião Santos, em 2011, é integrante da campanha “Cada garrafa tem uma história. Aparece nas latinhas do refrigerante, nos comerciais da Coca-Cola em rede nacional e também em *outdoors* espalhados por toda a cidade do Rio de Janeiro. Os catadores conquistaram novos espaços de fala, na arte, na política e na mídia. Logo no início da propaganda televisiva, é dado um *close* na carteira de identidade de Tião. O símbolo mostra que os catadores ganharam “hoje” uma história, uma identidade, que se exemplifica pela trajetória desse personagem.

Voltando-nos para os elementos da cenografia, observa-se um jovem catador bem sucedido, com uma boa aparência e orgulho do seu trabalho. Sentidos que vão ao encontro do *slogan* “viva positivamente” da Coca-Cola. No esquete, o personagem explica com propriedade o processo da reciclagem, revela os saberes da atividade do catador e, aos catadores, são atribuídas novas designações para referir-se aos catadores. Na fala de Tião: “Quando você se vê como catador de lixo, você se vê como lixo. Quando você se vê como catador de material reciclável, você sabe que é um profissional, que você tem valor”¹⁸.

O discurso midiático, que antes associava o catador ao lixo, à desordem e à ilegalidade, em novo contexto, passa a tomá-lo como exemplo de luta e de organização. A trajetória de Tião é vista então como modelo, assim como a atuação da Coca-Cola, apresentada como parceira no trabalho dos catadores.

À continuação, segue o anúncio impresso, peça publicitária que também faz parte da campanha mencionada. Transcrevemos a parte textual visando facilitar a leitura.

¹⁸ O vídeo está disponível em: <http://www.caxiasdigital.com.br/blog/tiao-santos-e-o-novo-garoto-propaganda-da-coca-cola/>. Acesso em 11 de nov. de 2011.



Campanha impressa da Coca-cola “Cada garrafa tem uma história”.¹⁹

“Onde existia fim eu vi um começo.”

Tião Santos

Aos oito anos, Tião levava comida para a família no lixão. Dezoito anos depois era presidente da Associação de catadores de Jardim Gramacho. Apoiando cooperativas de reciclagem, a Coca-cola Brasil ajudou a transformar o País no maior reciclador mundial de alumínio, e um dos maiores em PET. Desde 1996 tudo se transforma em contribuição para a sociedade e meio ambiente. Ao estimular mais de 180 cooperativas de catadores, milhares de pessoas recebem através da reciclagem uma fonte de renda e contribuem para a formação da cultura da reciclagem nas próprias comunidades em que moram e de onde retiram boa parte do material coletado.

A citação da fala de Tião (“Onde existia fim eu vi um começo”) é um fragmento do texto que aparece escrito com letras minúsculas nas latas do refrigerante que dá forma ao rosto do presidente da ACAMJG. É preciso enorme esforço para ser capaz de enxergar o que está escrito. No entanto, abaixo, em branco, de forma destacada, conseguimos ler “A Coca-Cola Brasil apoia mais de 180 cooperativas e associações de reciclagem. Recicle você também o lixo. Há ainda “Curtiu? Mande um SMS para o Tião. Envie Tião para 22043”. Acompanham esse texto registrado sobre um fundo semelhante ao de um cartão de visitas, a imagem de um celular, a informação “Veja mais em: vivapositivamente.com.br custo por SMS de R\$ 0,31 + tributos de acordo com cada operadora. “Válido até 30/11/2011.” e a logo “Cada garrafa tem uma história.”

¹⁹ Disponível em: http://www.cocacolabrasil.com.br/release_detalhe.asp?release=257&categoria=30. Acesso em 18 de nov. de 2011.

A citação mencionada no anúncio impresso contribui para a construção da imagem de um jovem, que se distingue da maioria pelo fato de conseguir “ver” algo em um lugar/tempo que ninguém mais seria capaz de fazê-lo. A personagem da publicidade é apresentada com nome e sobrenome seguidos de uma breve biografia que reforça a capacidade de Tião de driblar rapidamente os obstáculos que lhe foram impostos pela vida difícil. Complementa o texto a foto sorridente do rapaz, que reforça a idéia de satisfação provocada pela sua iniciativa bem sucedida. Mais do que a imagem do catador, ganham destaque especial o empreendedorismo, a desenvoltura de Tião Santos e a sua história de vida exemplar.

A maior parte do texto, porém, não trata da vida nem da obra de Tião, mas do papel desempenhado pela Coca-cola no âmbito da reciclagem. O *slogan* “cada garrafa tem uma história” vai ao encontro do foco central do anúncio, que, embora a cenografia use em primeiro plano a imagem de Tião, é a história da atuação da empresa que é valorizada no discurso publicitário que constitui a cena englobante do anúncio. A história da garrafa se sobrepõe a história do catador.

Considerações finais

Neste artigo reunimos em torno a três cenas a análise de algumas práticas de discursivas que não costumam ser abordadas como vinculadas à situação de trabalho, mas que circulam em diversos espaços e comunidades discursivas e constituem sentidos sobre o trabalho da catação de materiais reciclados. Dessa forma, buscamos construir reflexões que ressaltassem a pertinência de estudos discursivos, que enfatizam complexas redes de enunciados por meio das quais se instituem sentidos sobre esse (e outros) trabalho (s). Redes essas que atravessam espaços e tempos, balizam/apagam polêmicas, configuram verdades e (in) visibilidades. Redes de interdiscursividade às quais não se teria acesso a partir de categorizações como as da linguagem no/como/sobre o trabalho.

“Que eles veem a gente como lixo não sei não, mas que eles veem a gente como uma oportunidade deles ganhar dinheiro sobre a mão de obra de catador e continuar sendo escravo do mesmo jeito isso é uma realidade também. A sociedade não é de gente tão bobinha assim não” (VARGENS, 2005, p.118). Essa fala recupera uma ideia frequente em

diversas práticas discursiva: o sentido da exclusão sofrida por esses sujeitos (desqualificados, excluídos socialmente pelo preconceito ou incluídos pela exploração?). Porém, por meio do modo como fala e do lugar discursivo de onde fala (a partir de uma memória e de saberes compartilhados), é ela a que desqualifica via enunciação esse discursos que o constituem como alguém socialmente incapacitado, despreparado, ao assumir uma credibilidade que se impõe via discurso.

É também via análise do discurso que nos é possível o entendimento de que a enunciabilidade se dá por meio de práticas com as quais vivenciamos o mundo e a partir das quais o compreendemos. A latinha comercializada da Coca-Cola, peça publicitária, que estampa o rosto do catador Sebastião com/sobre um texto dele, impresso com pouquíssima visibilidade, destina-se à reciclagem, ao “lixo”. A imagem de garoto-propaganda sobressai sobre o texto. Como entender essa peça publicitária? Como a que se constitui a partir de um engajamento a práticas discursivas “politicamente corretas”? Como as que demonstram a preocupação com a preservação da natureza? Como a que continua a poluir o meio-ambiente? Como a que mantém, reproduz, as mesmas práticas? Como a desloca o trabalho do catador para um segundo plano? Como a que apaga a voz desse trabalhador?

Referências Bibliográficas

- BOUTET, J. (Org.). *Paroles au travail*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1995.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análises do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. (1971). *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. (1974). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.
- _____. (1975). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. (1977). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- GREGOLIN, M.R.F.V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2004.

LACOSTE, M. Paroles, activité, situation. In: BOUTET, J. (Org.). *Paroles au travail*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1995.

MAINGUENEAU, D. (1987). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes. 1997.

_____. D. (1998) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MOREIRA, T. *A constituição de subjetividades em raps do Nacional Mc's*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009, 103 f.

NOURODINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 17-30.

ROCHA, D.; DAHER, D. C.; SANT'ANNA, V. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 77-91.

SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

VARGENS, D. Sentidos em reciclagem: uma análise linguístico-discursiva da construção de identidades dos catadores de Jardim Gramacho. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2005, 210f.

¹ **Del Carmen DAHER, Profa. Dra.**
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem
deldaher@vm.uff.br

² **Dayala Paiva de Medeiros VARGENS, Profa. Ms.**
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Doutoranda em Letras (UFRJ)
dayalavargens@gmail.com